

Peter Illiciev / Ag. Enquadrar



Margareth Dalcolmo: atuação decisiva nas epidemias H1N1 e da covid-19

Referência na medicina brasileira

» SOFIA SELLANI*

Margareth Dalcolmo construiu uma trajetória marcada pela responsabilidade científica e pela defesa da informação qualificada. Médica, pesquisadora clínica, membra titular da Academia Nacional de Medicina e vencedora do prêmio Jabuti, ela conta que gostar do que faz é um requisito fundamental para o sucesso na carreira.

Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), teve atuação decisiva em momentos críticos da saúde pública brasileira, como as epidemias de H1N1 e da covid-19. Durante a crise sanitária mais recente, coordenou estudos sobre a vacina BCG e foi a primeira profissional a conceder entrevista pública alertando para a gravidade do cenário. Ao lado de colegas, assumiu o compromisso de traduzir evidências científicas para a população e enfrentar a avalanche de desinformação.

“Oferecer informação científica para a população é algo que deve ser feito por pessoas que realmente saibam o que estão

falando, dizendo aquilo que tem relevância e o que não é verdade”, afirmou.

Em 2022, recebeu o Jabuti de melhor livro do ano na categoria Ciências, com a obra *Um tempo para não esquecer: a visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde*. O livro registra os bastidores e aprendizados dos primeiros anos da pandemia. “Ter ganhado o prêmio é uma honra. Um reconhecimento de que literariamente o trabalho publicado tem valor”, disse.

Apesar da rotina intensa, jamais cogitou abandonar a medicina. Ainda assim, reconhece desigualdades persistentes. “Os assédios que sofremos ao longo da vida nem sempre são explícitos. Às vezes, são muito sutis, como quando se trata de uma competição acadêmica ou de uma posição de liderança”, relembra.

O conselho que compartilha com alunas e colegas é direto: “Goste daquilo que faz. Ninguém pode viver fazendo o que não gosta, se não, será infeliz sempre”. E complementa: “Todo mundo deve ter uma abertura para mudar e repensar. Se não tá feliz naquilo que faz e não se sente encorajada para enfrentar as dificuldades, naturais para o sucesso em qualquer profissão, está tudo bem em mudar.”

*Estagiária sob a supervisão de Ana Sá

A missão da professora Anita

Há 15 anos, o projeto Investiga Menina vem mudando a realidade de diversas adolescentes no estado de Goiás. Criado por Anita Canavarro, professora titular do Instituto de Química da Universidade Federal do Goiás (UFG), o objetivo é incentivar meninas, sobretudo negras, a escolherem carreiras voltadas para a ciência. A ideia é que as alunas interessadas em fazer iniciação científica saiam da escola “inseridas” na área desde o ensino médio, agregando valor ao currículo das futuras profissionais.

Fornecendo acompanhamento pedagógico em sala de aula nas disciplinas de química, física, biologia e matemática para as turmas de ensino médio, apesar de fornecer apoio para todos os estudantes, as 100 bolsas disponíveis são para meninas negras. A ideia é trazer especialistas negras da contemporaneidade para complementar os conteúdos.

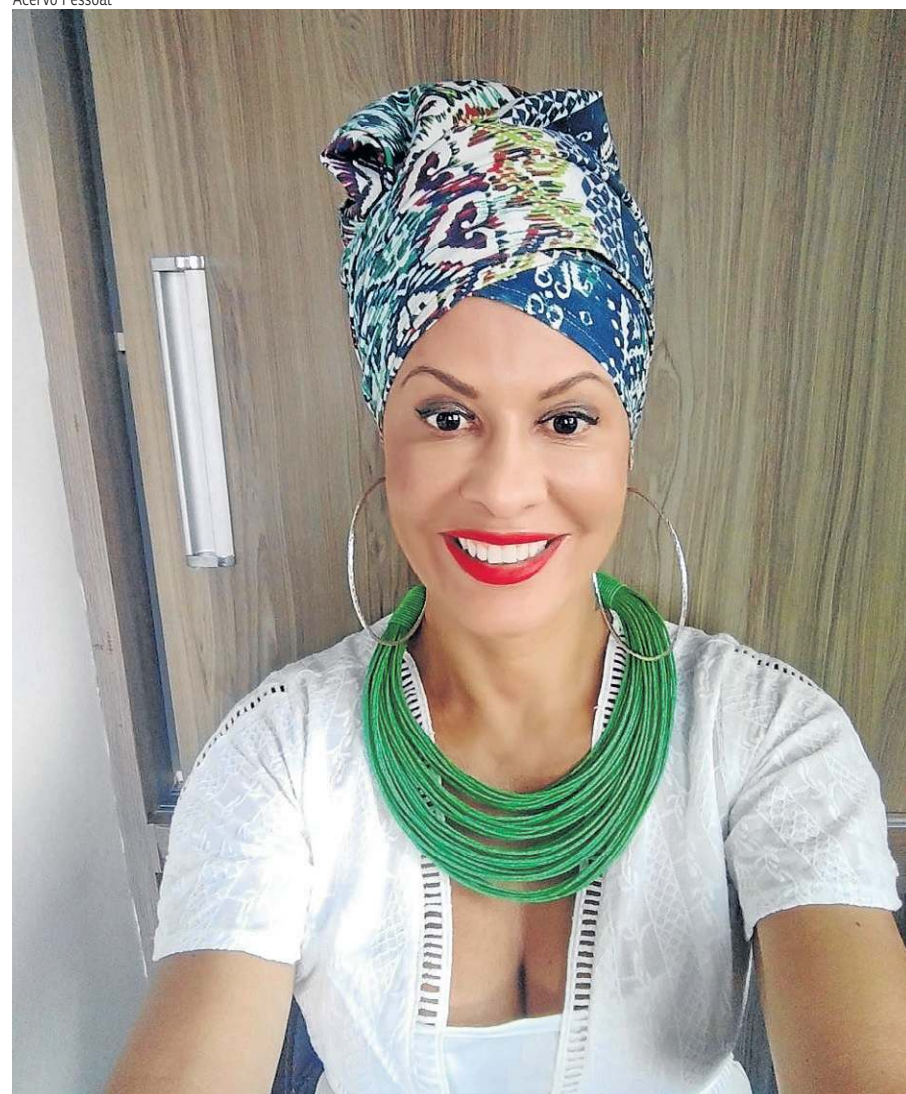
Assim, a página no Instagram @investigamenina também conta com materiais complementares e vídeos institucionais de cientistas para contar sobre a carreira dela e divulgar trabalhos. Hoje, o projeto atende cerca de 4 mil estudantes da escola básica do estado de Goiás e conta com cerca de 170 pessoas envolvidas.

Nascida na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, em Duque de Caxias, Anita Canavarro sempre esteve envolvida com a ciência e com a ideia de transformar vidas de crianças e jovens “parecidas” com ela. Antes de ser professora, trabalhava com tratamentos de doenças negligenciadas para a população negra, e depois decidiu que estava na hora de ir para a docência. “Foi uma maneira de contribuir com a sociedade brasileira, uma vez que a docência e o estudo mudaram a minha vida”, disse. “Ajudar essas meninas a projetar carreiras é muito gratificante, principalmente quando o currículo científico é um currículo baseado na descoberta de homens brancos.”

Segundo a professora, a presença de mulheres na ciência é essencial, já que agrega valor e deixa de partir de uma visão única e masculina. “Se você enxerga os dados a partir de visões só de homens, essas visões são empobrecidas, já que representa um grupo único da população brasileira”, relatou.

O sonho de Anita, agora, é continuar tendo financiamento para manter a estrutura e parcerias “de pé”. Para a professora, o apoio que recebe de toda a equipe é fundamental. “Agradeço a todos que trabalham comigo, sem essa equipe eu não poderia conduzir as pesquisas.” (SS)

Acervo Pessoal

Professora Anita Canavarro está à frente do projeto *Investiga menina*, que incentiva estudantes, sobretudo negras, a escolherem carreiras voltadas para a ciência